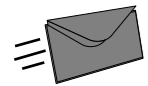




DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Lua Cheia, Maio de 2011, nº 139



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

É possível identificar a pulsação da vida, seja no sagrado espaço de seu interior, seja observando a natureza à sua volta; são aspectos de uma mesma verdade, que se apresenta múltipla somente sob seu olhar, míope de compreensão. O azul dos céus da cidade denuncia agora a despedida das chuvas, ao tempo em que prenuncia a temporada dos ventos. O ar em movimento, seja arrebatando telhados ou empinando pipas, é como o sopro que percorre a sua alma, com poderes para devastar extensos canteiros de crenças e paradigmas, ou simplesmente inspirar um poema novo.

Dar asas à imaginação é só uma das muitas possibilidades de libertar-se da força que prende você ao chão, embora você já tenha pressentido que existe outro impulso, que insufla seu anseio pela espiritualização. Não é à toa que a



sabedoria antiga afirma que a inteligência é o mais rápido dos pássaros, pois tudo isso se mescla na intrincada definição de liberdade e compreensão.

Entretanto, é imperioso trazer bem claro que, para dotar de asas o seu espírito, é imprescindível a dedicação sincera em seu próprio trabalho, a fim de conquistá-las, de tecê-las com a trama do amor, do conhecimento, do desapego.

Assim, e uma vez que se ouve o anseio cristalino de seu coração pela liberdade de acessar planos cada vez mais sutis, empreenda agora o exercício de abdicar do excesso de carga que tanto compromete sua mobilidade. A iniciativa de se

despir dos preconceitos, das crenças limitantes, das mágoas e medos será um passo decisivo na construção de asas fortes e vigorosas o suficiente para levar você onde quer que sua consciência vislumbre. E lá Eu também estarei, acolhendo você em amor, com meu sopro que vivifica a alma.

Em auspiciosos ventos de mudança,

Aquela que é.



Mãe Terra

«Trânsito das coisas»

Ninguém sabe exatamente o que vai acontecer no futuro, mas existe uma sensação geral e dados científicos que indicam que algo já está acontecendo com o clima da Terra. Uma das questões mais importantes e talvez a menos tratadas com relação à mudança do clima é o trânsito das coisas. Talvez algo como metade de toda a energia que gastamos no planeta é utilizada para transportar coisas e pessoas de um lado para o outro. Talvez mais. Mais de 30% das emissões brasileiras de gases do efeito estufa se devem ao transporte. Por que será que esse não é assunto prioritário nas políticas, planos e estratégias em pauta?

Dou um exemplo: Vejam quanta energia é gasta em transporte para que uma porta de madeira de lei da Amazônia seja utilizada na reforma de um apartamento aqui em Brasília: Os tratores e demais ferramentas e máquinas utilizados na extração da madeira podem ter sido fabricados em Canoas/RS com ferro que foi transportado de jazidas da Bahia ou de Carajás/PA. O diesel para movimentar tratores e máquinas na Amazônia talvez tenha vindo de uma refinaria do Rio de Janeiro. E os componentes eletrônicos? Quem sabe tenham vindo da China. E o banco do trator? E os componentes de plástico do trator, de onde saíram até chegarem em Canoas? e assim por diante... Depois de extraída e serrada, mais energia é gasta para transportar a madeira em tábuas até Brasília. Isso sem falar do transporte de pessoas e alimento para o local da extração, cada vez mais distante, já que a extração de madeira de lei na Amazônia ainda é, pasmem, uma estratégia de desmatamento muito mais do que fruto de manejo sustentado.

Não seria muito mais inteligente rodear Brasília de florestas diversificadas de madeira de lei? Além de ficar lindíssimo, o clima seria, certamente, mais ameno, a umidade do ar, maior. As águas voltariam a correr alimentando os principais rios do Brasil que aqui nascem. Se essa madeira for plantada em agrofloresta, teremos também muitas centenas de toneladas de alimentos produzidos localmente. São só vantagens. Então por que continuamos trazendo madeira lá da Amazônia ao invés de produzir localmente? Por que não fabricamos aqui mesmo, no DF, as máquinas necessárias para realizar todo o processo? Por que não produzimos aqui mesmo todo o alimento aqui consumido?

Tenho alguns palpites: Na nossa economia distorcida, ganha-se mais dinheiro com o transporte do que com o que é transportado. Transportadoras, fábricas de caminhões, impostos e, principalmente, petróleo, fazem a roda da fortuna girar. Porque será que nenhum plano relacionado à questão do clima fala de reduzirmos a produção de petróleo, ponto de partida se há real preocupação com o clima? Outro palpite: Lamentavelmente, o grande negócio na Amazônia ainda é, como era há 100 anos, a especulação da terra. O grande negócio ainda é ganhar dinheiro desmatando a terra para vendê-la ao pecuarista (já temos mais cabeça de gado no Brasil do que pessoas... e eles emitem metano, um dos mais potentes gases do efeito estufa). É incrível, mas a terra nua ainda é mais valiosa do que a terra com floresta, considerada improdutivo! Que economia é essa que nos faz viver sob a ameaça de que se não gerarmos divisas, se não exportarmos mais do que importamos, o país quebra?

Por tudo isso, é hora de termos idéias criativas de como fazer as coisas pararem de circular pelo Planeta. É urgente produzirmos o que precisamos localmente. Como começar? De uma maneira simples: sempre consumirmos a

opção de produto local. Mesmo que não seja a mais "tchans"... e daí? Mas assim sim, contribuiremos de fato para fomentar a produção local e para diminuir o desperdício de energia com o trânsito desnecessário de coisas. Tanto melhor para Mãe Terra!



Helena Maltez

AGENDA 2011

Celebrações públicas sempre às 20 horas.
Os Plenilúnios são reservados somente às mulheres, bem como algumas cerimônias da Roda do Ano.

***15 de junho** - Plenilúnio: Celebração da Deusa egípcia Hathor

***21 de junho** - Comemoração do solstício - *aberto também para homens*

***15 de julho** - Plenilúnio: Celebração das Deusas nórdicas do Destino, As Nornes

***01 de agosto** - Festival da Colheita - *aberto também para homens*

***12 de setembro** - Plenilúnio: Celebração da Deusa estelar, Astrea

***23 de setembro** - Comemoração do equinócio: Os Mistérios de Eleusis

***11 de outubro** - Plenilúnio: Celebração da Madona Negra

***31 de outubro** - Comemoração do Samhain: Reverência às Ancestrais

***10 de novembro** - Plenilúnio: Celebração celta do povo das fadas

***10 de dezembro** - Plenilúnio: Celebração celta da Deusa Danu

***22 de dezembro** - Comemoração do solstício: O fogo sagrado da família - *aberto também para homens*



Visite nosso site:
WWW.TEIADETHEA.ORG

Edição e Diagramação:

Nane Silva

Revisão:

Lacy Silva e Adriana Jaccoud

Informações:

Luzia – 81481650; Nane – 96779453

Andrea - 34084065

Web:

www.teiadethea.org

Bibliografia:

«O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur

Imagens da internet



A existência de seres alados sempre fascinou e intrigou a humanidade desde os tempos imemoriais, fato que levou a suas inúmeras representações e imagens em todas as grandes culturas e religiões antigas. Em muitos mitos o próprio universo era considerado como tendo nascido de um ovo cósmico, enquanto os pássaros faziam parte de lendas e estórias antigas como símbolos misteriosos e imbuídos de poderes especiais. O mundo alado acompanhou a humanidade nas diversas culturas e épocas da evolução através de cultos, crenças e mitos.



Mas quem são na realidade os seres alados: anjos ou demônios, mensageiros dos deuses ou verdades ocultas ao alcance dos iniciados? Veremos isso a seguir.

Arte pré-histórica

A arte rupestre das grutas europeias (verdadeiros santuários secretos) datada de 35 mil anos é rica em figuras coloridas de homens e pássaros, sugerindo rituais xamânicos de desdobramento e “voos” para dimensões sutis, em busca de auxílio divino. No período paleolítico o simbolismo de aves era comum na arte, nas crenças, nas danças rituais e nos atos mágicos. O pássaro era visto como um totem sagrado da Deusa, que representava o espírito da vida, o ciclo do renascimento e regeneração e que também controlava o tempo. No período neolítico o uso de penas recebeu uma nova simbologia, as figuras humanas - principalmente as de mulheres grávidas - apareciam com cabeças, máscaras, braços ou pés de pássaros, os quadris e nádegas sendo exagerados e ovoides. O princípio feminino da cultura neolítica europeia entre 7000 -3500 a.C. era representado por estas imagens da Deusa Criadora, a Mãe Pássaro, como foram representadas posteriormente inúmeras divindades africanas, nativas norte-americanas e do Egito. Muitas gravuras e imagens representavam a Deusa como uma ave aquática com um longo pescoço e guardando o ovo cósmico nas suas nádegas. Muitas deusas criadoras ou ceifadoras descendem da antiga Deusa Pássaro como: Astarte, Tanit, Neith, Neckebet, Neftis, Ísis, Athena, Medusa, Sofia, Lilith, Inanna, Devi, Sarasvati, Afrodite, Rhiannon,, Berchta, Valquírias e as Iyá Mi Oshorong, as misteriosas Mães Pássaro da mitologia ioruba. Os povos antigos atribuíram às constelações nomes de pássaros como: corvo, cisne, águia, galinha, galo, ganso, pomba, a Via Láctea



sendo chamada de “Caminho dos gansos selvagens” pelos povos nórdicos.

Xamanismo

O motivo das figuras aladas nas inscrições rupestres é muito antigo, sendo oriundo da mitologia neolítica e das tradições xamânicas. Ainda existem nos dias atuais diversas práticas e crenças xamânicas em vários lugares da Ásia, do Tibete até Lapônia, Sibéria e Cazaquistão, cujas origens remontam ao período neolítico, conforme comprovam estudos arqueológicos recentes. Um denominador comum destas crenças é o interesse nos pássaros e nos rituais que envolvem o uso de trajes com penas ou máscaras de pássaros. Escavações

arqueológicas no sítio de Çatal Hüyük, em Anatólia, datado de 6500 a.C. trouxeram evidências de que lá existia um culto envolvendo pássaros, comprovado pelas imagens de abutres imbuídos de atributos divinos e que descarnavam os mortos para remover suas almas. Com o passar do tempo, estas imagens evoluíram para uma “deusa abutre” e alguns murais mostram seres humanos vestidos com penas de abutres. Até hoje, os xamãs siberianos usam trajes ritualísticos semelhantes aos pássaros e a ideia do xamã ser capaz de “voar” é universal. O simbolismo de gravações em pedra dos seres alados da Suméria (3000 a.C.) revelava a habilidade destes seres voarem para lugares inacessíveis ao ser humano, atuando como mediadores entre os homens e as divindades. Os xamãs podem “voar” quando em estado de transe, se deslocando para o mundo dos espíritos e assim ajudar os homens, seja lutando com seres maléficos, seja trazendo mensagens das dimensões mais elevadas. Evidências encontradas em Curdistão revelam a existência de três cultos antigos dos anjos, o mais famoso deles centrado em um ser definido com o “anjo pavão”, mas representado como um estranho pássaro predatório, cujos sacerdotes vestiam trajes sofisticados enfeitados com penas.

Suméria

Supõe-se que a iconografia dos anjos da Suméria é baseada em imagens de seres alados das antigas culturas tribais da Ásia central, que precederam a civilização suméria, a mais antiga cultura em que eles foram encontrados: na arte, nas inscrições em pedras, nos baixos-relevos ou estátuas. Ela floresceu em torno de 3000 a.C. entre os rios Tigre e Eufrates (atual Iraque) e a sua religião era complexa, centrada em uma variedade de espíritos e deuses, com um enfoque especial nas forças angélicas, os mensageiros divinos que ligavam o reino divino ao humano. Os sumérios acreditavam que cada ser humano tinha um companheiro invisível ao longo da sua vida, equivalente ao conceito moderno do “anjo de guarda”. Nas escavações dos lares sumérios foram encontrados altares dedicados aos anjos guardiões, enquanto nos templos havia estátuas, gravações e desenhos murais de seres alados.

Depois da conquista dos sumérios pelas tribos semitas em torno de 1900 a.C.

a mitologia dos vencedores preservou o conceito dos anjos e o ampliou, dividindo os grupos (assemelhados aos deuses) em divisões menores e seguindo uma ordem hierárquica. Esta classificação persistiu no zoroastrismo e judaísmo monoteísta e até mesmo depois. Acredita-se que nos primórdios do período pré-dinástico, as ideias sumérias formaram as bases da teologia, dos conceitos, artefatos, iconografia, arquitetura funerária dos túmulos egípcios e da escrita com hieróglifos. Após o fim da dominação suméria (2000 a.C.), no Oriente Médio prevaleceram as culturas assíria e babilônia, mas as figuras aladas continuaram na iconografia destes povos.

Egito

O início da cultura suméria coincide com as primeiras dinastias egípcias e possíveis antecessores dos anjos estavam presentes nas representações de alguns deuses arcaicos (2500 a.C.) com cabeças de pássaros ou asas, os traços animais sendo considerados a “alma”(Ba) do deus. Como exemplo podemos citar Thot, deus da lua e padroeiro da escrita, tinha a cabeça de íbis, Horus era representado como falcão, Isis, Neftis, Nekebet e Maat tinham asas. O “Livro Egípcio dos Mortos” lista 500 divindades com mais 1200 incluídas em escritos posteriores, dentre elas, muitas eram mais próximas do nosso conceito de anjo do que de um deus como Hunmanit, um grupo de entidades representando os raios solares, semelhantes aos serafins cristãos.

Migração indo-europeia

A partir do final do quarto milênio a.C. começou a migração de povos conhecidos como indo-europeus, em ondas sucessivas, entre Europa e Ásia central, culminando em torno de 200 a.C. e espalhando ideias, crenças e costumes, o que explica a semelhança de certos objetos e arquétipos entre Índia e Grécia. Um exemplo é o deus Mitra que apareceu na Ásia central e na Grécia e que tem uma contraparte hindu mencionada em Rig Veda (o mais antigo texto hindu). O culto de Mitra floresceu entre 1500 a.C. e o advento do cristianismo, partindo da Pérsia; apesar de ser conhecido como deus solar e amigo amoroso dos seres humanos, na sua interpretação pelo zoroastrismo ele foi considerado um anjo mediador entre céu e terra, juiz e preservador da criação.

Zoroastrismo

Zoroastro foi um membro de um grupo étnico indo-europeu, que viveu na Pérsia (área que atualmente abrange Irã, Turcomenistão e Uzbequistão) em torno de 650 a.C., onde ele criou uma religião monoteísta inspirada em mensagens angélicas. Esta religião tornou-se oficial no império persa e influenciou a teologia muçulmana, judaica e cristã. Uma classe de seres alados, imortais e sagrados, cuja função era auxiliar Ahura Mazda, o deus supremo da Pérsia,



eram os Amesha Spentas, invisíveis e com atribuições específicas; eles desciam pelos raios de luz para serem honrados e receberem oferendas. O zoroastrismo identifica seis arcanjos principais (do pensamento benéfico, da justiça, do domínio, da compaixão, da prosperidade e da moralidade), além de 40 anjos menores chamados “os adoráveis”.

Alguns destes seres eram masculinos, outros femininos, cada um tendo atributos e qualidades particulares. No terceiro nível, mais baixo, tinha os anjos guardiões, cada um deles destinado a ser um guia, mentor, protetor e auxiliar vitalício para um único ser humano. Todas as hierarquias angélicas eram consideradas dádivas divinas do “Senhor da Luz”. Existia também um “Senhor da Escuridão”, conduzindo demônios e espíritos malignos na luta entre as forças da luz e das trevas, denominados asuras, citados também no hinduísmo como sendo oponentes dos devas, as forças divinas. O conceito ocidental atual sobre os demônios se originou no termo daeva do zoroastrismo e do grego daibolos, significando “acusador”, uma tentativa de incluir o conceito judaico do Satã.

Judaísmo

Os povos semitas arcaicos do Oriente Médio acreditavam em uma variedade de espíritos da natureza, sua religião original tendo sido o animismo (que atribuía inteligência aos fenômenos naturais e aos objetos inanimados), depois influenciada pelo zoroastrismo. Incluídos nas legiões de espíritos tinham os do fogo e vento, aos quais era atribuída uma importância especial, que formaram a base dos querubins e serafins, mantendo a ligação com fogo e vento. O termo hebraico kerubh definia as divindades totêmicas da Babilônia que combinavam asas de águia, cabeça de touro, patas de leão e cauda de serpente, representando as quatro direções, estações e elementos. Sua origem era muito antiga, oriunda dos sacerdotes com máscaras de animais, que guardavam o altar da deusa lunar Shebat. Na medida em que a religião politeísta judaica se transformava em monoteísta, uma série de aspectos da religião ancestral foi mantida, dentre elas a crença nos anjos. O zoroastrismo continuou a influenciar o judaísmo durante os séculos antes de Cristo e um número crescente de



anjos apareceu nos escritos como “mensageiros de Deus”, formando uma hierarquia celeste com uma conotação que mesclava religião e folclore. Eles receberam uma interpretação individualizada, que foi se modificando ao longo do tempo e das escolas filosóficas gregas. O líder das forças malignas era chamado Satã (o antagonista), Belil (regente da perversão, trevas e destruição) ou Mastema (o opositor). Junto dele existiam Azazel (o demônio do habitat selvagem), Leviatan (do caos) e Lilith (o demônio feminino da noite). São mencionados dois arcanjos no Velho Testamento: Mikael (o guerreiro

condutor das hostes celestes) e Gabriel (o mensageiro), acrescentando-se depois Rafael (o ajudante de Deus) e Uriel (o guardião do mundo). Satã evoluiu de um simples opositor na corte de Deus no Velho Testamento ao principal inimigo de Cristo no Novo Testamento. Somente após o retorno dos judeus do cativeiro na Babilônia (450 a.C.), é que os anjos se tornaram parte integrante da religião monoteísta judaica. No Gênesis, Jeová tinha colocado querubins, imagens aladas lembrando as antigas figuras das deusas assírias e egípcias, com espadas flamejantes no Leste do Jardim de Éden para proteger o caminho para a Árvore da Vida. Na história antiga de Israel, Shekinah – a consorte ou a Glória de Deus - morava no Tabernáculo, sendo a presença protetora da Arca da Aliança (onde eram guardadas as Tábuas da lei). No começo tinham duas imagens divinas na Arca, de Jeová e sua consorte; quando as imagens foram proibidas, a de Jeová desapareceu e a da deusa foi transformada em dois querubins, que cobriam a Arca com suas asas. Com o passar do tempo, os querubins passaram a representar os aspectos feminino e masculino de Jeová e finalmente a união de Jeová com a comunidade de Israel, sua noiva.

Grécia

O termo grego daemon significava um espírito guardião ou protetor, enquanto anjos (tradução do hebraico malakh) indicava um mensageiro; cada pessoa tinha um daemon ou anjo de guarda, que podia aparecer como um animal, transformado depois no “espírito familiar” do ocultismo. Não existia uma distinção clara entre anjos, demônios, espíritos familiares, fadas, elfos, genii, ancestrais, santos ou deuses pagãos, com suas identidades e características se sobrepondo. A angelologia surgiu no Oriente Médio, provavelmente na Suméria, de onde provêm as primeiras imagens de seres alados. Várias divindades gregas tinham asas e podiam voar como, por exemplo, Hermes (Mercúrio), o mensageiro alado dos deuses. Um aspecto interessante da angelologia grega é o halo dos anjos, a aureola luminosa ao redor dos deuses (como Helios) e que depois foi atribuído aos santos e a alguns imperadores romanos.

Islamismo

Apesar da inexistência de uma iconografia angélica islâmica, muitas ideias sobre anjos foram adotadas dos povos semíticos e do zoroastrismo, os anjos recebendo assim certo prestígio no islamismo. O próprio



profeta Maomé teria recebido uma comunicação do arcanjo Gabriel, que lhe deu as bases para criar a fé muçulmana. Existem inúmeras referências no Alcorão sobre anjos, demônios e gênios (djinnns) e a crença sobre a jornada da alma, representada como o voo dos pássaros. Os anjos foram chamados no Alcorão de malaika, “mensageiros”, cuja principal função era levar mensagens a Alá, além de proteger os fieis e batalhar contra o mal. Os muçulmanos acreditam que após a morte os heróis vão receber lindas e virgens jovens como companheiras.

Índia

Os anjos hindus eram ninfas celestes, como as Apsaras, que abençoavam os devotos, ou terrestres como as Dakinis, as sacerdotisas tântricas, mulheres jovens ou idosas que personificavam a divina Shakti. Um anjo de guarda era uma Shakti individual, que protegia e envolvia com seu abraço extático e beijo apaziguador os moribundos, sendo assim um anjo da morte. No hinduísmo, os anjos eram considerados como sendo mães, apesar de serem isentos do ciclo de gravidez, parto e aleitamento. As Apsaras copulavam continuamente com os deuses, fornecendo-lhes deleite sexual e êxtase amoroso numa dimensão divina. Os filhos apareciam de forma milagrosa no colo das mães com a idade de cinco anos. As religiões patriarcais negaram a sexualidade dos anjos e os consideraram seres assexuados sem um gênero definido.

Cristianismo

Apesar das origens do conhecimento cristão sobre anjos serem oriundas o zoroastrismo e judaísmo, alguns pensadores cristãos como Tomás de Aquino, Clemente de Alexandria e certas citações do Velho e Novo Testamento, consideraram as funções dos anjos como controladores das estrelas e dos quatro elementos. Entre 100 a.C. e 400-600 d.C. surgiu uma angelologia difusa e informe, devido às variações em tempo e espaço das suas origens. Vários escritos cristãos aceitaram as bases da doutrina angélica a partir da Idade Média. Foram estabelecidas três tríades de hierarquia celeste intermediárias entre Deus e os homens, cujos nomes eram originários de fontes antigas: hebraicas, do Velho e do Novo Testamento. A tríade mais próxima de Deus era dos serafins, querubins e tronos; a segunda representava o reflexo da presença divina existente na primeira e abrangia domínios, virtudes e poderes; a terceira se conectava direto com os homens e era formada por principados, arcanjos e anjos. Sobre esta estrutura foi acrescentada uma terminologia cabalística e mágica com inúmeros nomes de anjos para serem invocados em assuntos específicos (ganhos materiais, saúde, sucesso), existindo formulas adequadas para sua chamada e controle. Com o predomínio da astrologia na Idade



Média, os arcanjos foram associados com planetas, constelações e signos zodiacais, Rafael sendo regente do Sol, Anael de Vênus, Mikael de Mercúrio, Kafziel de Saturno, Zadkiel de Júpiter e Samael de Marte. Na correspondência com os signos zodiacais Áries era regido por Samuel, Touro e Libra por Ariel ou Anael, Gêmeos e Virgem por Rafael, Cancer por Gabriel, Leão por Mikael, Escorpião por Azrael, Sagitário por Zadkiel ou Saquiel, Capricórnio por Kafziel ou Cassiel, Aquário por Uriel, Peixes por Azariel. Azrael, o anjo da morte da tradição hebraica e muçulmana, retirava a alma do corpo moribundo, uma reminiscência do arquétipo do psicopompo das tradições nativas, que conduzia as almas para o mundo subterrâneo. Existiam também as sete classes de daemons, os assim chamados “anjos caídos” ligados aos pecados capitais: Lúcifer (orgulho), Mammon (avareza), Asmodeus (luxúria), Satã (raiva), Belzebut (gula), Leviathan (inveja) e Belfegor (preguiça). Frequentemente os anjos eram confundidos com serafins e querubins, mas os serafins representavam os espíritos de luz dos caldeus e apareciam como serpentes ígneas voadoras, enquanto os querubins eram sacerdotes alados lunares. Os anjos bíblicos eram considerados “Filhos de Deus”, que vieram para a Terra engravidar mulheres; depois foram chamados de anjos caídos, incubos ou demônios, a culpa da sua queda sendo atribuída às mulheres, que os atraíam com seus cabelos.

A cosmologia cristã adotou também a ideia do “anjo guardião”, existente em várias culturas (persa, judaica, egípcia e grega) e que existe até hoje. Segundo a doutrina cristã, Deus criou os anjos porque os homens não podiam entrar em contato direto com ele. “Os espíritos puros”, a ideia mais próxima da figura de um anjo, foram representados por pintores, escultores e artesãos como seres humanos com asas. Porém o simbolismo das asas é muito mais antigo, associado a seres espirituais poderosos, vencedores dos limites de tempo e espaço, que tinham uma expressão celestial e não telúrica. Normalmente, as asas dos anjos imitavam as das aves (cisne, águia ou ganso) e das borboletas, menos as dos espíritos malignos que eram de répteis e vampiros; as feições dos anjos medievais eram assexuadas e pálidas e eles usavam túnicas esvoaçantes. Na arte barroca surgiram os anjos rechonchudos, com aspecto infantil, como se fossem bebês alados, que apareciam no meio das nuvens.

Atualmente

Abordagens não religiosas, esotéricas ou místicas, consideram os anjos detentores de uma energia sutil, especial, vistos como intermediários para ativar o que existe de mais puro, elevado e correto dentro de nós mesmos. Nesse contato encontramos ou resgatamos uma força escondida

ou oculta e através de orações ou meditações podemos receber a orientação necessária para o nosso bem.

Alguns pesquisadores mencionam a origem dos anjos como sendo extraterrestre, embasados numa citação da Bíblia, que menciona a chegada dos anjos à Terra como sendo visitantes espaciais, detentores de uma tecnologia avançada. Um exemplo disso seria a visão do profeta Exequiel, que teria tido um “contato imediato” com um ser extraterrestre a quem ele chamou de anjo por falta de outro termo. Estes seres teriam tido contatos sexuais com seres humanos, como é citado no Gênesis, que se refere aos “filhos de Deus, que se uniram às filhas dos homens e geraram gigantes”. Assim seria definido o sexo dos anjos, uma hipótese inviável e descartada pelos estudiosos.

Outra discussão envolve a existência ou não do livre-arbítrio dos anjos; São Tomás de Aquino sustenta que os anjos tem livre-arbítrio diretamente ligado às escolhas, diferente dos humanos que precisam deliberar, especular e chegar a alguma decisão, enquanto os anjos possuem a percepção súbita da verdade. A existência dos “anjos caídos” seria uma prova de que existe o livre-arbítrio entre eles.

A história dos anjos ocorre concomitante à história humana e parece ser um resumo das nossas ideias, crenças, ambições, virtudes e falhas. Eles podem ser vistos como representações simbólicas do nosso inconsciente ou seres criados por Deus, que habitam em uma dimensão diferente da nossa, mas podem interferir no nosso mundo, ou até mesmo seres extraterrestres, que influenciam nossa evolução de uma forma ou outra. Eles existem hoje em dia no nosso cotidiano nas formas mais diversas, em livros sagrados ou não, textos simplórios ou complexos,

revistas, programas de rádio, televisão, vídeos, CDs, palestras, vivências, cartas de tarô, figurinhas decorativas, filmes, canções, pingentes, objetos diversos, quadros, anúncios comerciais ou conselhos de como contactá-los para auxílio e orientação. Mesmo tendo surgido no passado remoto, em várias civilizações e épocas, eles nunca estiveram tão presentes na nossa vida como agora, sendo utilizados de forma contraditória como: imagens do mundo espiritual, mensageiros divinos, elos de ligação entre o mundo divino e humano, ou simples atrativos e objetos de consumo. Porém, o que importa é reconhecê-los e honrá-los como nossos guardiões, protetores e aliados, que podem nos orientar, proteger e fortalecer na vida cotidiana e na busca de contato espiritual com as dimensões mais sutis.

